



Projetos Sociais em Educação desenvolvidos por Organizações do Terceiro Setor: análise e reflexões a partir do projeto crescer (Vespasiano – Minas Gerais)

Natham Ribeiro Martins¹
Faculdade de Estudos Administrativos (FEAD)

Resumo

Mudanças na estrutura de funcionamento e gestão das ONGs ocorreram com intensidade a partir da década de 1990, como reflexo direto da constituição de 1988, que estabelece uma discussão sobre a gestão social como a gestão própria das ONGs, diferenciando-a da gestão do Estado e da gestão privada. Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a interação dessas gestões através da análise de um projeto social em educação. Os resultados dessa análise apontaram uma evolução dos participantes do projeto e uma possibilidade de ação que inclui um trabalho específico com as professoras e as famílias. Em termos gerais, conclui-se que esta pesquisa, além de contribuir para o fluxo de ações e procedimentos do projeto, também pode servir como parâmetro de avaliação para as práticas de gestão das ONGs.

Palavras-chave: Organizações do terceiro setor; Gestão social; Avaliação de projetos sociais; Projetos sociais em educação.

Introdução

As discussões sobre as ações de organizações não governamentais (ONGs) em projetos sociais tornaram-se progressivamente maiores a partir da promulgação da constituição de 1988. Ao discutir a relação do Terceiro Setor com o Estado, Teixeira (2011) mostra que a própria Constituição Federal, em seus artigos 150, VI, c, 195, 199 e 204, prevê a participação dessas entidades em projetos sociais. Como justificativa para essa participação está a fragilidade do Estado em realizar seus objetivos no campo social, educacional, da saúde e em todos os outros em que há a participação efetiva de entidades do Terceiro Setor.

Com o aumento das ações das entidades do Terceiro Setor, a necessidade de estabelecer instrumentos mais efetivos que consigam aprimorar as políticas públicas visando melhores resultados é cada vez maior. Para compor a tríade, Estado, sociedade

¹ Graduado em Psicologia e Filosofia, especialista em Educação pela Universidade Cândido Mendes, mestre em Gestão Social e Educação pela UNA. Psicólogo da Prefeitura Municipal de Nova Lima M.G., professor do curso de graduação em Psicologia da FEAD e da pós graduação da UNA, Estácio de Sá e UNIBH. natham@hotmail.com.

civil organizada e empresas, o crescimento expressivo das leis de fomento e incentivos fiscais como uma forma de chamar as empresas à responsabilidade social é um dos fatores a serem ressaltados. Além disso, é importante um estudo constante das práticas estabelecidas pelo Terceiro Setor no sentido de evitar o perigo de esses projetos desenvolvidos tornarem-se unicamente um mecanismo de “propaganda” das empresas financiadoras sem uma preocupação sobre a verificação de sua eficácia,

Dessa maneira, analisar a atuação de ONGs em projetos sociais na área de educação, em que acontece uma parceria com o Estado e a iniciativa privada, fornece um indicativo de como hoje se estabelecem essas relações.

Com base nesses pressupostos, o tema deste artigo baseia-se em um estudo sobre a eficácia dos projetos sociais executados por ONGs na área de educação. Para isto, o recorte foi o “Projeto Crescer”, desenvolvido em uma escola pública municipal na cidade de Vespasiano/MG e executado por uma ONG. O projeto é financiado por uma empresa que atua na fabricação de componentes para a construção civil.

Metodologia

A abordagem da pesquisa fundamentou-se na análise do projeto social denominado “Projeto Crescer” e teve como objetivo principal a análise sobre a eficácia desse projeto a um número significativo de alunos em relação aos aspectos cognitivos e emocionais.

Quanto ao nível da pesquisa realizada, essa pode ser classificada como uma pesquisa descritiva, baseando-se nos objetivos gerais de descrever os resultados da ação do “Projeto Crescer”.

A proposta central desta pesquisa, conforme exposto anteriormente, relacionou-se à análise de um projeto de intervenção em duas escolas públicas municipais de Vespasiano/MG.

Foram investigados os pareceres dos professores e psicólogos além dos testes aplicados nos alunos e as notas de português e matemática das duas primeiras etapas de 2012. Foram estabelecidos dois grupos para essa investigação: alunos participantes do “Projeto Crescer” e frequentadores das atividades do projeto e, outro grupo, não participante do projeto.

Participaram da pesquisa crianças do 4º e 5º anos do ensino fundamental por já estarem, supostamente, alfabetizadas e, também, pelo fato de o projeto ter definido que



essas séries seriam prioritárias para a realização das atividades depois de entrevistas realizadas com coordenadores e direção das escolas.

Também fizeram parte da amostra para delineamento dos dados obtidos por entrevistas: uma professora do 4º ano, uma professora da turma do 5º ano, ambas professoras de todas as crianças do grupo experimental e grupo controle, além das duas psicólogas coordenadoras do “Projeto Crescer”.

A coleta de dados foi desenvolvida por meio dos seguintes instrumentos: levantamento dos documentos da escola para coletar notas dos alunos durante as duas primeiras etapas letivas de 2012; entrevistas com as professoras do 4º e 5º anos antes da entrada das crianças no projeto e após quatro meses de participação destas no projeto; entrevistas com as psicólogas do projeto no mesmo período de tempo em que as professoras foram entrevistadas; realização de testes psicológicos antes do início das atividades do projeto e após quatro meses da participação das crianças no mesmo. Os testes realizados foram: as Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR), o Teste de Desempenho Escolar (TDE) e a Escala de “Stress” infantil (ESI).

No delineamento dos dados fornecidos por pessoas foi analisado um procedimento de “quase experimento” (GIL, 2002) realizado com dois grupos: crianças participantes do “Projeto Crescer” e crianças não participantes do projeto.

Sobre os dados obtidos através dos testes e dos documentos da escola e dos técnicos da ONG, foram organizados procedimentos quantitativos, estatísticos e comparativos. No caso das entrevistas, organizou-se um procedimento qualitativo baseado na análise de conteúdo. Dentre as opções de análise de conteúdo, foi adotado o registro de unidades por tema e, em seguida, tais registros foram organizados por categorias, tendo como referência os itens do roteiro de entrevista (BARDIN, 1977).

O Projeto Crescer

Em julho de 2010 o Comitê de Relações Ambientais e Sociais (CRAS) da empresa Mekan, abriu um processo para selecionar um projeto social que o próprio CRAS financiaria. Como pré-requisitos, esse projeto deveria ser apresentado por uma ONG, ter como local de execução do projeto escolas públicas municipais em Vespasiano/MG e ter como público alvo os estudantes do ensino fundamental dessas escolas. Em agosto de 2010 o “Projeto Crescer” foi iniciado, primeiramente, com o estabelecimento de parceria entre a ABRADH e a Prefeitura Municipal de



Vespasiano/MG. Essa parceria foi realizada através da Secretaria Municipal de Educação que estabelecia a execução do projeto na Escola Municipal José Paulo de Barros, no bairro Santo Clara, vizinho à Mecan.

O projeto teria como eixo principal o atendimento de crianças e adolescentes por psicólogos, professores de capoeira, *Kung Fu*, futebol, teatro, artes e música. Os alunos seriam encaminhados pelos professores e orientadores da escola.

Em abril de 2011 o projeto foi ampliado para a Escola Municipal Maria de Paula Santos, localizada no bairro Morro Alto.

A escolha dessas duas escolas se justifica por dois fatores: a) são escolas que localizam-se próximas à Mecan, atendendo filhos e filhas de funcionários e colaboradores; b) são escolas que atendem crianças com baixo rendimento pedagógico e que possuem inúmeros problemas de ordem psicológica, como transtorno de atenção, hiperatividade, dificuldade de socialização, nível alto de agressividade, problemas afetivos e estresse generalizado.

Segundo dados do mês de outubro de 2012, o “Projeto Crescer” atendeu, nas duas escolas, 444 (quatrocentos e quarenta e quatro alunos). São estudantes do 2º ano do ensino fundamental até o 9º ano do ensino fundamental, com faixa etária variando dos 7 aos 16 anos. Também segundo dados de outubro de 2012, foram oferecidas as seguintes atividades: atendimento em psicologia, acompanhamento pedagógico, música, aulas de *kung Fu*, aulas de capoeira e aulas de futebol.

O fluxo de ação do projeto é estabelecido através da relação entre a direção das escolas, as coordenadoras e supervisoras das séries escolares, professoras das turmas e psicólogos da ABRADH. A partir de uma reunião realizada no início de cada semestre, ou seja, fevereiro e agosto de cada ano, entre os psicólogos da ABRADH e a direção, estabelecem-se a organização do projeto em relação a: espaços físicos que serão utilizados, número de crianças/adolescentes e turmas atendidas pelo projeto e reuniões e outras atividades a serem realizadas.

Em uma segunda etapa, os psicólogos reúnem-se com as coordenadoras, supervisoras e professoras para determinar que alunos(as) serão encaminhados para a psicologia, sendo critérios para esse encaminhamento os(as) alunos(as) que apresentam: problemas cognitivos; problemas emocionais; problemas de socialização.

Os psicólogos são os responsáveis pelo encaminhamento dos estudantes para as outras atividades do projeto, de acordo com a demanda individual observada nos atendimentos.

Os estudantes com problemas de socialização, sem interação com os colegas e/ou timidez excessiva, passam a frequentar as aulas de futebol e/ou capoeira. Para as aulas de música são encaminhados os alunos(as) que apresentam problemas emocionais ligados à dificuldade de expressão emocional e insegurança. Para as aulas de *Kung Fu* são encaminhados os alunos(as) heteroagressivos e/ou com questões de insegurança.

Diante do exposto, foi estabelecido como referência de análise a discussão sobre a eficácia do “Projeto Crescer” o qual busca ampliar as possibilidades de desenvolvimento psicopedagógico dos alunos das escolas municipais.

Resultados e Discussão

Os testes escolhidos avaliam resultados em áreas apontadas por todos os envolvidos com as crianças do projeto (escola, professoras, família e psicólogas) como sendo as principais “dificultadoras” no processo de ensino/aprendizagem. Essas áreas são: o nível de estresse dos alunos, o desempenho escolar e o conteúdo em matemática e português adquirido pelos alunos, além do nível de raciocínio lógico e capacidade cognitiva.

As avaliações das notas de português e matemática foram importantes, pois, essas disciplinas foram o foco do trabalho do acompanhamento pedagógico. Como o TDE avalia o desempenho nessas duas matérias, optou-se pelo levantamento das notas apenas nessas disciplinas escolares, o que foi feito a partir dos boletins e diários de classe.

O ESI foi aplicado para análise das reações psicológicas e perfil emocional frente a eventos que exijam adaptação das crianças. Mudanças estas que incluam alterações psicológicas e comportamentais (LIPP; LUCARELLI, 2005).

O MPCR foi aplicado para a análise do nível de inteligência e capacidade cognitiva gerais (ALVES et al., 1999). Por fim, as entrevistas realizadas foram a base para o entendimento dos resultados encontrados. Inicialmente, as professoras do ensino regular mostraram o motivo para o encaminhamento de determinados alunos para o projeto. Logo, os testes ajudaram a entender se essas razões apresentadas pelas professoras foram ou não procedentes. Ao final dos quatro meses, a nova rodada de



entrevistas mostrou como as professoras perceberam os alunos após esse tempo em que foram submetidos às atividades do projeto.

No caso das entrevistas com psicólogas da ABRADH, os relatos da primeira entrevista mostraram a percepção dessas em relação aos alunos no que se refere aos aspectos cognitivos, emocionais, nível de violência e socialização. Quatro meses depois a entrevista foi repetida e, dessa vez, o relato centrou-se na evolução dos alunos após esse tempo de participação no projeto.

Sobre as entrevistas, como explicitado anteriormente, procedeu-se uma análise de conteúdo. A técnica utilizada para análise das entrevistas foi a categorial. Dessa forma, no caso das professoras, as categorias para análise foram agrupadas a partir dos seguintes temas: motivos para o encaminhamento do aluno para o projeto; dificuldades que o aluno apresenta nas áreas cognitiva e psicológica, socialização, melhoras apresentadas pelo aluno. No caso das psicólogas da ABRADH, as categorias para análise foram agrupadas nos seguintes temas: características do aluno em relação ao desenvolvimento psicológico e emocional; nível de violência e socialização; desenvolvimento cognitivo.

O Projeto Crescer em Números: Buscando Referências

Os dados obtidos nesse levantamento serão apresentados, a seguir, em duas partes: inicialmente, os resultados dos testes (ESI, MPCR e TDE). Em seguida, a análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

Resultados ESI (Escala de Stress Infantil)

O ESI é um teste que avalia o nível de stress infantil e que permite identificar sintomas e efeitos psicológicos e sintomas e efeitos físicos que indiquem que a criança esteja vivendo um momento de estresse. Considerou-se para análise do ESI a possibilidade de aumento de escala do estres após os quatro meses entre as aplicações do teste, independentemente dos valores da escala. De acordo com os resultados apresentados, pode-se deduzir uma significativa redução dos sinais de estresse no grupo participante do “Projeto Crescer”, ou seja, dos 15 alunos do grupo pesquisado, cinco crianças que apresentaram sinais de estresse na primeira aplicação não apresentaram sintomas na segunda avaliação.



Sobre o grupo não participante do projeto, o número de crianças com sinais de estresse manteve-se o mesmo. Salienta-se aqui outro dado importante. Como o projeto tem por objetivo atingir crianças com os sintomas apontados pelo teste, esperava-se que, no grupo dos alunos não participantes, houvesse um menor número de crianças sem as características de estresse.

Percebe-se que o grupo APC apresenta um resultado bem expressivo no que se refere à diminuição dos escores totais identificadores de situação de estresse. Apesar de o grupo ANPC também possuir um resultado de 60% de diminuição dos escores totais, é importante analisar qual foi a taxa média de escore total que apresentou diminuição em cada grupo. No grupo APC, essa média foi de 17,2 pontos por criança que apresentou redução e, no caso do grupo ANPC, esta média foi de 5,1 pontos. Logo, o grupo dos alunos acompanhados apresentou uma taxa de redução em pontos do escore três vezes maior que a do grupo dos alunos não acompanhados.

Resultados MPCR (Matrizes Progressivas coloridas de Raven)

Para a análise do teste MPCR considera-se uma interpretação por percentil, em que o valor atingido no teste é comparado com um quadro de percentil que discrimina o nível de inteligência em cinco diferentes escalas: “intelectualmente superior” (grau 1) , “definidamente acima da média na capacidade intelectual” (grau 2s se for superior ou grau 2i se for inferior), “intelectualmente médio” (grau 3s se for superior ou grau 3i se for inferior), “definidamente abaixo da média na capacidade intelectual” (grau 4s se for superior ou grau 4i se for inferior) e “intelectualmente deficiente” (grau 5).

Para análise e interpretação considera-se o grau relacionado à classificação por escores apresentado acima.

Na distribuição percentual dos resultados do MPCR pode-se observar que, em relação ao grupo APC, houve uma diminuição do grau 5 e um aumento de grau máximo da interpretação comparando-se os dois momentos de aplicação do teste. Enquanto na primeira aplicação o valor máximo de grau observado foi o 3s, na segunda aplicação este grau subiu para 2i. Comparando-se os resultados, observa-se que, no grupo ANPC, aconteceu o contrário em relação ao grau máximo de capacidade intelectual observado no teste. Na segunda aplicação o grau máximo observado foi o 2s e, na primeira aplicação, o grau máximo observado foi o 1.



Outro fator importante é o que diz respeito ao grau dos alunos em números totais que estão nos últimos níveis de interpretação, ou seja, considerados como “definitamente abaixo da média na capacidade intelectual – inferior” ou “intelectualmente deficientes”. No grupo APC, considerando-se os dois níveis de interpretação mais abaixo na escala, observa-se que 60% dos alunos estavam aí alocados quando da primeira aplicação do teste. Esse número, na segunda aplicação, foi reduzido para 46,7%. No grupo ANPC a primeira aplicação mostra que 20% dos alunos estavam neste nível de interpretação e, na segunda aplicação, esse número caiu para 6,7%.

Analisando-se a melhoria de grau apresentada em cada grupo, pode-se deduzir que, em APC 46,7% apresentaram melhoria de nível, enquanto que, em ANPC 40% apresentaram melhoria de nível. Em APC 26,7% diminuíram o nível de interpretação e em ANPC 33,3% diminuíram este nível de interpretação. Nos dois grupos 26,7% dos alunos permaneceram no mesmo nível de interpretação.

De uma forma geral, os dados do grupo APC comparados ao do grupo ANPC, relacionados à melhoria de grau, foram melhores. Mas, mesmo sendo melhores, as atividades do “Projeto Crescer” para o acompanhamento dos alunos com baixo desenvolvimento cognitivo e baixo rendimento escolar, precisam ser adaptados para cada grau que os alunos apresentam. Também torna-se pertinente buscar respostas, nos dois grupos, sobre o motivo para alguns alunos apresentarem diminuição no grau de interpretação.

Resultados do TDE

Os dados para análise do TED apresentam resultados vinculados a procedimentos específicos das disciplinas de português e matemática, sendo eles: habilidades em escrita, leitura e operações básicas de matemática. Esses resultados, em relação aos níveis de evolução dos alunos, apresentaram-se da seguinte maneira no grupo APC: os alunos do 4º ano iniciaram no nível inferior em relação a todas as categorias (escrita, leitura, aritmética e escore total) e, após a segunda aplicação do TDE, continuaram no nível inferior. Os alunos do 5º ano, em relação à categoria escrita, terminaram a segunda aplicação com a seguinte distribuição: 11,1% no nível superior; 33,3% no nível médio e 55,6% no nível inferior. Sobre a categoria aritmética, 33,3% dos estudantes, após a segunda aplicação do TDE, estavam no nível médio enquanto

que 66,7% estavam no nível inferior. Desse total, 33,3% mudaram, entre a primeira e segunda aplicações, do nível inferior para o nível médio. Os mesmos dados repetiram-se na categoria leitura, em relação ao nível após a segunda aplicação, sendo que 22,2% mudaram do nível inferior para o nível médio.

Sobre os escores totais, 77,8% permaneceram no nível inferior e 22,2% no nível médio. Dentre os que subiram para o nível médio, 11,1% migraram do nível inferior e os outros 11,1% permaneceram nesse nível após a segunda aplicação do TDE.

No grupo ANPC, os alunos do 4º ano na categoria escrita iniciaram no nível inferior e, após a segunda aplicação, aí permaneceram. Na categoria aritmética houve em 16,6% dos alunos uma diminuição do nível, de médio para inferior. Os outros 83,4% iniciaram e permaneceram no nível inferior. No nível leitura houve um aumento de nível, do inferior para o médio, em 16,6% dos estudantes. Os outros 83,4% permaneceram no nível inferior. No escore total, para os alunos do 4º ano, todos iniciaram e terminaram as aplicações no nível inferior.

Os alunos do 5º ano do grupo ANPC, em relação à categoria escrita, iniciaram e permaneceram no mesmo nível, não havendo movimentação para níveis abaixo ou acima. Sendo assim, 11,1% permaneceram no nível superior, 22,2% no nível médio e 66,7% no nível inferior. Na categoria aritmética, todos terminaram a segunda aplicação no nível inferior, mas, 11,1% iniciaram no nível médio. Os mesmos resultados foram observados após a segunda aplicação nas categorias leitura e escore total, inclusive no que se refere à mudança de nível médio para inferior (11,1% dos casos).

Nota-se a grande predominância, independentemente da categoria e do grupo (APC ou ANPC), de alunos no nível inferior. Logo, constata-se que apesar de os alunos freqüentarem o 4º e 5º anos do ensino fundamental, não apresentam domínio de habilidades básicas em leitura, escrita e aritmética, segundo o TDE. Outro fator importante pode ser observado em relação à mudança de nível entre os grupos APC e ANPC. Enquanto que no grupo APC, comparando-se todas as categorias, 60% dos estudantes mudaram para um nível imediatamente acima, apenas 6,7% dos estudantes do grupo ANPC passaram para um nível acima após a segunda aplicação do TDE. No entanto, analisando-se a diminuição de nível em todas as categorias, enquanto que no grupo APC não ocorreu esse movimento em nenhum instante, no grupo ANPC 26,7% dos estudantes passaram do nível médio para o nível inferior. Como o acompanhamento psicopedagógico do “Projeto Crescer” estabelece práticas para que os estudantes façam



atividades de reforço escolar relacionadas à recuperação dos conteúdos dos anos anteriores, pode-se considerar esse fator como uma hipótese para explicar a diminuição de nível dos alunos que não participam do projeto.

Apesar de observar-se uma melhora em alguns alunos do grupo APC, os resultados ainda não são significativos por apresentarem, no total, 86,7% dos estudantes no nível inferior. Levando-se em conta que são habilidades, supostamente, de que todos já deveriam ter domínio, é um resultado muito aquém do necessário. Entretanto, como mostrado antes, sabendo-se das características desses alunos, em relação ao grau cognitivo e de estresse, aliando-se a isso o tempo curto do projeto, alguns resultados podem ser relativizados.

Por Detrás dos Números: As Crianças do Projeto Crescer

As entrevistas estão de acordo com a análise de conteúdo, organizadas em temas e categorias. De acordo com Bardin (1977, p. 103), a unidade de registro por categoria “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e a contagem frequencial”. Sendo assim, a partir das entrevistas, organizaram-se temas específicos que geraram categorias para caracterização desses temas.

No caso das professoras, os temas em que foram agrupadas as respostas são os seguintes: motivos para encaminhamento do aluno para o “Projeto Crescer”; principais dificuldades cognitivas, de socialização, psicológicas e histórico de violência; principais melhoras apresentadas pelos alunos após a participação no “Projeto Crescer” por quatro meses.

Em relação ao primeiro tema, percebe-se nas entrevistas das professoras que o motivo mais apontado refere-se à inadaptação dos alunos por questões cognitivas. Mas, também, questões psicológicas que não são muito detalhadas pelas professoras por desconhecimento do significado do que elas observam. Um exemplo desta situação no depoimento de uma professora:

Ele não acompanha a turma e não realiza as atividades em tempo hábil. Tem dificuldade de leitura e escrita. Além disso, é muito triste. Parece que tem sofrimento interno, chora do nada, dificuldade de aprender. (P2)



Sobre as principais dificuldades cognitivas, de socialização, psicológicas e histórico de violência apresentadas pelos alunos, os termos que mais aparecem nos depoimentos das professoras são: repetência, não é alfabetizado, leitura e escrita ruins, não consegue acompanhar a turma, não consegue falar, não se relaciona com os colegas.

No decorrer das entrevistas, as entrevistadas tenderam a separar as questões psicológicas justificando a razão delas não poderem interferir para contribuir com a melhora do rendimento escolar destes alunos. Como alguns são repetentes, essa repetência pode ser justificada pelo fato de que as professoras não são psicólogas e que, para esses alunos serem aprovados, há uma necessidade do trabalho de outros profissionais para auxiliá-las em situações em que elas não conseguem resultados. Esta situação pode ser percebida no depoimento de uma delas, quando se questionou quais as dificuldades psicológicas deste aluno e como elas foram identificadas.

A criança não fala nada. Não sei o som da voz dela. Tem muitas faltas e não é alfabetizada. Não consegue nem copiar. Também não se relaciona com ninguém. Não é cuidada em casa. Não sei o que fazer com ela. Vai ser reprovada com certeza. A escola precisa de psicólogos para estas crianças. Eu sou professora. Não sei como agir com casos assim. (P2)

Sobre o terceiro tema estabelecido para análise das entrevistas das professoras, ambas as professoras identificaram melhoras nos alunos participantes do projeto. Em alguns alunos, todos os quesitos perguntados: cognitivos, socialização, psicológicas e envolvimento em situações de violência, foram citados como em evolução.

Em relação às entrevistas finais com as professoras, nota-se uma percepção geral de melhora dos alunos atendidos pelo projeto. Como dito anteriormente, essa melhora é identificada, inicialmente, na evolução de aprendizagem e, imediatamente, vinculada ao comportamento e disciplina dos alunos.

No caso das psicólogas, os temas em que foram agrupadas as respostas são os seguintes: principais características em relação à cognição, desenvolvimento psicológico, nível de violência e socialização observadas antes do aluno frequentar as atividades do projeto; principais evoluções em relação à cognição, desenvolvimento psicológico, nível de violência e socialização observadas no aluno após 4 meses de frequência às atividades do projeto.

Em relação ao primeiro tema, apesar do contato entre os alunos e psicólogas ainda, até aquele momento, não ter acontecido, os relatos são mais detalhados do que os relatos das professoras.

Sobre a cognição, percebe-se nas respostas das psicólogas uma concordância com as professoras. A caracterização deste aspecto das crianças foi relatada como: comprometido, com dificuldade de aprendizagem, dificuldade para entender comandos, não alfabetizado ou, ainda, apresenta respostas lentas.

Sobre o desenvolvimento psicológico, o nível de violência e socialização, pode-se inferir algumas características gerais das crianças a partir dos relatos das psicólogas. Primeiro, muitos alunos são colocados como “sem maiores problemas”.

Mesmo sem detalhamentos, as psicólogas já estabelecem algumas relações de causalidade entre determinados significados dos comportamentos expressos em sala de aula e o baixo rendimento escolar. As psicólogas descrevem que muito da metodologia dos atendimentos e, também, do encaminhamento para as outras oficinas, aconteceram a partir das observações das primeiras entrevistas.

Sobre o segundo tema analisado nas entrevistas com as psicólogas, que é relacionado às principais evoluções em relação à cognição, desenvolvimento psicológico, nível de violência e socialização observadas no aluno após quatro meses de frequência às atividades do projeto, os relatos mostram que as entrevistadas observaram uma evolução geral dos alunos. Sobre esse tema, as psicólogas nas entrevistas utilizaram algumas categorias de análise, recorrentemente, para mostrar essa evolução nas quais se destacam os seguintes aspectos: a) melhoria nas atividades pedagógicas; b) melhoria na socialização e c) importância do diagnóstico.

Considerações Finais

Ao analisar os projetos sociais em educação executados pelas OTS, entende-se que a maneira que estes projetos são concebidos, formatados e executados demonstram que, atualmente, há uma preocupação grande para que se desenvolva uma gestão típica do Terceiro Setor. Esta gestão típica do Terceiro Setor não desconsidera algumas prerrogativas básicas do sistema de gestão do Estado e das empresas privadas. Mas, pretende ir além no sentido de que a gestão social é a gestão própria da sociedade civil, onde não se perseguem objetivos puramente econômicos e que o campo de ação é público, porém não estatal.

Articulando a gestão social e a missão das ONGs no estabelecimento de funções gerenciais no trabalho destas organizações, há um comprometimento com a eficiência, eficácia e efetividade dos projetos executados. Dentre estas funções gerenciais, ou seja, o planejamento, organização, direção e controle, esta pesquisa priorizou a análise de um projeto, denominado “Projeto Crescer”, a partir do processo avaliativo das ações executadas por esse projeto.

Essa análise foi estabelecida a partir de dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos mostraram nos dois grupos pesquisados de alunos da Escola Municipal Maria de Paula Santos os resultados em testes psicológicos que analisaram nível de “stress”, raciocínio lógico e desempenho escolar em matemática (aritmética) e português (leitura e escrita). Além dos testes, realizou-se análise das notas em português e matemática relativas aos dois primeiros bimestres de 2012.

Em relação a esses dados pode-se notar que os alunos participantes do “Projeto Crescer” apresentaram resultados que enfatizam a diminuição dos identificadores de situação de “stress”. Sabendo-se da estreita ligação entre estes identificadores de situação de “stress” e as experiências vivenciadas pelas crianças em suas famílias relacionadas à violação de direitos, explica-se o motivo das crianças atendidas pelas psicólogas conseguirem uma diminuição do nível desses identificadores.

Da mesma maneira, os melhores resultados nos testes de raciocínio lógico e de desempenho escolar apresentados pelos alunos participantes do projeto podem ser creditados ao acompanhamento psicológico, mas, também, às atividades de acompanhamento psicopedagógico. De toda forma, em alguns dados comparativos, os resultados não foram satisfatórios. Uma das explicações para isto relaciona-se ao fato do curto período de tempo entre as aplicações dos testes. Além desse fator, o nível de comprometimento neuropsicológico de algumas crianças não permitiu acontecer uma evolução significativa, ocasionando, inclusive, o encaminhamento de algumas delas para atendimento específico nos postos de saúde do município (psicologia, psiquiatria e neurologia).

Em relação às notas de português e matemática, os alunos participantes do projeto melhoram o rendimento significativamente comparando-se a primeira e segunda etapas.

Por meio das entrevistas realizadas com as professoras e psicólogas buscaram-se informações com pessoas fundamentais no projeto. A partir delas um entendimento



maior da situação das crianças atendidas foi adquirido. As dificuldades apontadas pelas professoras em sala de aula mostraram a necessidade do trabalho com as docentes. A desmotivação e desinteresse acabam por prejudicar a ação dessas profissionais e a reprovação torna-se o caminho mais curto para resolver a situação de “crianças problemáticas”.

Desta forma, é importante para o “Projeto Crescer” discutir com a escola e mesmo com o poder público, ações objetivando um trabalho específico com as professoras. Da mesma maneira em relação aos pais das crianças. Sempre que foram chamadas à escola para receberem informações das psicólogas, informações estas relacionadas à procura de profissionais que pudessem ajudar em algum diagnóstico, as famílias mostram-se solícitas e prontas a participar.

Observa-se que os aspectos apontados pelas entrevistadas estão vinculados aos processos de desenvolvimento local. Nas entrevistas, a participação da escola e da comunidade são colocados como fatores fundamentais para a maior participação e evolução das crianças. Quando se analisa o bairro Morro Alto, a dinâmica da comunidade local e o poder paralelo estabelecido pelo tráfico de drogas, entende-se o motivo de tanta dificuldade da participação das pessoas nas instituições como a escola.

Sendo assim, a partir das entrevistas e do referencial teórico, alguns questionamentos apontam para novas investigações. Primeiro no que diz respeito ao processo avaliativo. Uma vez que se estabelece uma avaliação do projeto executado, torna-se necessário desenvolver ações para implementar o que percebe-se não está apresentando resultados. Deste modo, o “Projeto Crescer” precisa organizar uma avaliação sistemática e estabelecer com a empresa financiadora condições de mudar o estabelecido quando a avaliação indicar tal fato.

Segundo, a partir do momento que o projeto iniciar o trabalho com as professoras ou com as famílias, é importante estabelecer como este trabalho será avaliado. Em muitos momentos as ONGs planejam, organizam, mas, não se preocupam, nessa organização e planejamento, de elencarem processos avaliativos. É uma prática estabelecida e só quebrada quando a instituição financiadora vincula a liberação de recursos com a avaliação.

Terceiro, para a ABRADH aprimorar seus projetos de intervenção, foram realizadas entrevistas com a comunidade e trabalhadores da escola. Após o início do projeto esses contatos não foram restabelecidos. Logo, identifica-se uma relação não



participativa e com problemas na construção de arenas de discussão sobre o “Projeto Crescer”.

Por último, mas não menos importante, aprimorar as oficinas oferecidas pela ABRADH. É preciso discutir mais sobre o que cada uma das atividades: futebol, música, *Kung Fu*, capoeira, acompanhamento escolar e a própria psicologia, podem contribuir para o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social das crianças.

Sendo assim, a contribuição para que essa pesquisa seja um estímulo para a prática de análise de projetos sociais desenvolvidos por OTS, o projeto de intervenção desenvolvido foi a realização de um seminário em 2013, apoiado pela Mekan, empresa que financia o “Projeto Crescer”, cujo tema foi a “avaliação de projetos sociais executados por OTS”.

Referências

ALVES, I. C. B. et al. **Manual matrizes progressivas coloridas de Raven**: escala especial. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIPP, M. E. N.; LUCARELLI, M. D. M. **Escala de stress infantil**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

TEIXEIRA, J. **O terceiro setor em perspectiva**: da estrutura à função social. Belo Horizonte: Fórum, 2011.